

SENTIDO

Orgam da Mocidade Jundiáhyana

ANNO II

JUNDIAHY, 6 DE OUTUBRO DE 1901

N. 15

Os empregados da Companhia Paulista

Sem quebra de dignidade para aquelles de nós que são empregados desta importante via-ferrea, não podemos calar ante o que a seu respeito se disse.

A nossa voz é fraca, porém, nada a impede de se fazer ouvir no solemne articulada, no pleito de dignidade, ferido entre a laboriosa e honrada classe, e o leviano audaz e mentiroso missivista do ESTADO, que n'um momento de colera mal contida, não trepidou em ferir a collectividade inteira.

Sim, porque: O labeo atirado a classe diz implicitamente, que ella se compõe de «ébrios e desordeiros que disso fazem profissão, ao mesmo tempo que, «são empregados da Companhia Paulista» ou simplificando: que ébrios e desordeiros de profissão e empregados da Companhia Paulista são, uma e a mesma coisa, são synonymos.

Já bastante contestado e desmentido tem sido o mascarado missivista, entretanto ás muitas contestações que têm sido offerecidas, addicionamos a nossa: Na classe de empregados da Companhia Paulista, não existe ébrios e desordeiros

de profissão, mas sim, homens de reputação que se collocam acima das calumniosas imputações, homens que não se vendem ao soldo de diffamadores vulgares e que não se deixam dominar por sentimentos baixos e mesquinhos.

Entalação

Ha dias, fiquei deveras embaraçado, para dar a uma moça que a respeito me interrogou, resposta satisfactoria sobre a alcunha de PAPUDOS porque foram e ainda são tratados os jundiáhyanos ou jundiáhyenses, segundo o Dr. Theodoro Sampaio.

Diante do interesse que ella manifestava por saber o PORQUE desse cognome com o qual nos mimosearam, disse que, PAPUDO era um dicto popular dos nossos antepassados, com o qual formavam muitas phrases interjectivas taes como: AHI É! PAPUDO! AGUENTA! PAPUDO! e outras tantas que se repetiam nas estradas, sendo reproduzidas pelos romeiros que por aqui passavam em demanda de Pirapora, Bomfim, etc., e que d'ahi, naturalmente provinha a alcunha, ao que:

—Não era motivo—repro-

vou a moça, attentamente.

Tambem o creio, porém, é simples supposição.

A versão que tem mais visos de verdade é a seguinte:

Como se sabe, a nossa cidade trouxe seu nome dos peixes que no rio principal abundavam e que os indigenas denominavam jundiós ou jundiás. Esses peixes, (hoje rarissimos de encontrar-se) eram uns bagres muito grandes, tendo abaixo das mandibulas um sacco que bem se parecia com papo. Ora, os fundadores do nosso Jundiáhy, como tambem é sabido, foram escravos e fugitivos que escapulidos da Capital e circumvizinhanças, por um atalho só delles conhecido, vinham ter ao desterro, onde edificaram um arraial com a invocação de N. S. do Desterro, ainda hoje padroeira deste municipio. Portanto, é facil imaginar-se, que os primitivos habitantes desta terra se empregassem na pesca desse peixe, que dizem ser excelente bocado, afim de constituir parte poderosa da sua alimentação.

E d'ahi naturalmente, nasceram: o dicto, as phrases e a alcunha.

—Talvez.

Ha ainda uma terceira versão, que é a menos provavel. No tempo em que foi

edificada a primeira igreja ou seja, capella, os costumes, (tratando-se de um municipio antigo como o nosso) eram bem extravagantes entre os habitantes do lugar. Assim é que, semelhante aos jundiós ou jundiás, o populacho, homens e mulheres, uzavam cada um seu papo postiço.

Mais tarde, quando as portas do arraial se abriram, tão identificados estavam os habitantes no uzo do papo, que o primeiro dos visitantes foi censurado por não o trazer. A proposito até consta que indo elle a igreja, o PADRE de então o tachou de PHENOMENO.

—Isso é historia...

Não sei, todavia, vou vêr se alguem me poderá explicar esta historia de papudos.

E, assim sahi-me da entalação.

ALONSO.

De leve

Rapazes ha, que sem reflectir atiram-se para ahi com um mar de queixumes, não se sabendo a qual dos ventos que elles se dirigem.

Este negocio de um moço apaixonar-se seriamente por

qualquer moça é permitido, mas, dentro de tempo determinado.

Passou d'ahi, está incurso no artigo do desprezo, § dos ludibrios.

Queixar-se a gente ao papel, dos dissabores porque nos fazem passar as mulheres, é a maior das tolices. Ellas têm as nossas indiscreções e vão lá para as suas bellas reuniões tratarem-nos de cortados pedindo misericórdia, quando não procuram novo ardil para mais nos illudir escravizando-nos.

Eu penso assim : o homem não necessita amar. Quando o amor nos chegar cá por dentro, dê-se-lhe o titulo de amizade, e, acabou-se.

Amisade tem-se até aos irracionaes. O amor, não se destine a qualquer coisa, porque é contrabando no nosso seculo das luzes.

Outra coisa tambem que devemos censurar, é dizer-se como se costuma, á uma moça : A senhora é muito bonita ! As vezes mesmo sendo uma jacaré, suppõe que realmente é illudida por seu ingrato espelho, e, acreditando na differença de gosto, faz-nos montar em cada...

E se a gente lhe diz outra qualquer coisa, dá-nos logo pelas ventas com um cheirinho de presumpção, que certamente muito pouco nos póde agradar.

A ingenuidade da mulher é muito desculpavel, o que já não acontece com a leviandade dos homens.

Quem quizer ter namorada, para algum tempo, precisa lêr pela minha cartilha :

Ninho de amor

N'um chalet branco, como o branco arminho,
Além, na campina...—eu e tú sómente—
—Longe do mundo, perfido, mesquinho,
—Longe, bem longe da orgulhosa gente...

Longe, bem longe da orgulhosa gente,
—Na doce e santa paz do teu carinho,
Nós dous, tão sós, depois um innocente...
E comosco depois nosso filhinho.

Então a vida que se nos parece
Triste, tão triste—qual funerea prece—
Sem siquer um vislumbre de alegria ;

Em terno gozo se transformaria :
—Alli, naquelle branco chaletsinho...
—Ninho de amor, do nosso amor o ninho !

ARTHUR DE CASTRO.

Dar aos poucos para ter sempre o que dar.

Não sei si em algum tempo houve amor por sympathia, hoje só temos uma qualidade de amor, que é—amor proprio.

Havia de ser bem agradável o amor de que nos fallam nos romances, mas esse, em nossos dias nem de leve tocará nossos corações.

Tempo ingrato, tudo faz e tudo destrõe !

PRUDENTE.

Descalabro !!

Sociedade é aggremação de todas as classes, composta de elementos, educados, muitas vezes pelo espirito mesquinho do dinheiro, que sejamos franco, é o seu verdadeiro Deus.

Senão vejamos : a socie-

dade, instituição creada pela imaginação do homem que tentou com essa lei torcer as leis da natureza, creando para si um novo Deus, o dinheiro, impondo aos seus componentes rigorosa observancia pelos artigos nella contidos, fazendo justiça a uns e injustiça a outros, vae caminhando sempre para um descalabro medonho, em consequencia da ganancia agitada, de adquirir montões de ouro, não importando-se com os meios licito: ou illicitos que são empregados para adquirir fortuna.

Como não ser assim, quando a sociedade não cogita se o dinheiro ganho, foi com trabalho honesto ou não: quer as grandezas materiaes, deixando de parte as moraes e do espirito, pois, «A cubiça assentou-se no lugar da equidade : o juiz vende a consciencia no mercado dos

poderosos como as mulheres da Babylonia vendiam a pudicicia nas praças publicas aos que passavam, diante da luz do dia.»

Tal é a Sociedade maldita, que apedreja a mulher seduzida, e abre os carinhosos braços ao infame seductor.

TANTAM.

O JOGO

Devemos dizer, para contra nós não medrar idéas de politicagem ou de outra qualquer especie, que, as considerações que vamos expender, as medidas que vamos pedir, vizam tão sómente pugnar pela nossa moral, quer pessoal, politica ou social.

Feito isto, entremos no assumpto.

Vae se tornando verdadeiramente desolador, o espectáculo que diariamente apresenta a nossa cidade, infestada como se acha pelo venenoso e perverso jogo.

Para todo aquelle que preza o bom nome da sua terra, deve ser doloroso ouvir a menos conceituada, com epitheto que bem traduza o pouco symbolico de sua moral.

Assim, para que isso não aconteça, devem todos os espiritos que ainda não perderam as normas da sã doutrina, porem-se a campo e lutar : lutar, ainda que sem força bastante para affastar n'um só impeto, mas, com a coragem e perseverança precisas, para sustener os passos ao inimigo, afim

de que, mais tarde, se porventura a ave agoureira da degeneração cantar o seu lamento de morte por sobre o telhado das choupanas humildes, possa a elle corresponder uma prece de honor e não o maldizer do vicio, nos espasmos do desregramento: para que as creanças, hoje pobres victimas innocentes, amanhã, consciences não possam atirar execração, áquelles que, podendo, não procuraram, em tempo, livral-as do vicio, da perdição.

Durante o dia, homens, mulheres, todos n'um só afan se preocupam com os mal-sinados bichos e, é triste, ao passar-se nesta ou naquella rua, ouvir-se creanças que dizem:—Hoje não joguei, ou não ganhei em tal bicho, porque papae (ou mamãe) não quiz que eu jogasse nelle, mas sim em tal.

Além dessa, ha outra tristeza maior: os BICHEIROS que nem sempre primam por um character honesto, abusam da seducção que sobre a sua freguezia exerce o jogo e, sem rebuços, ferem o seu pundonor com trocadilhos e obscenidades que, a cobra, o gato, a vacca e outros, instrumentos de immoralidade lhes offerece.

A noite, então, campea a roleta. A' sua banca se acerca o capitalista, o fazendeiro, o commerciante, o operario, o jogador de profissão, o mais intransigente politico, todos n'uma só communhão de idéas — o jogo. Fóra dalli, chora o capitalista a desvalorisação do dinheiro, pragueija o fazendeiro a baixa

Devaneio

A penna amiga que empunhei ditosa,
Eis lamentosa, soluçando em dôr,
A corda imbelle de enluctada lyra,
Tambem suspira, que farei Senhor ?!

Qual sombra etherea vagarei sombria,
Até que um dia no soffrer sem fim ;
Desponte a aurora do viver passado,
E o céu dourado me soletre um—sim !

Mas eu na terra de illusão, sem ouro,
Cruel thesouro que não tem poesia,
Quem e impassivo lançará perfumes,
Sobre os queixumes de meu peito um dia ?!...

Alguem no mundo se eu morrer bem cedo,
Nesse segredo que uma noite encobre ;
Indo furtivo visitar a morta,
Dirá:—que importa si ella foi tão pobre !...

SILVIA POLAR.

do café, lastima o negociante a venda feita a prazo, geme o operario ás privações da miseria, vocifera o politico a ruina dos adversarios; o que fora esquecido no jogo pelo seu magico poder, que torna harmonioso concerto sóe quebrado pela nota maviosa do banqueiro que diz, empunhando o rôdo: Deu o cinquinho— as maiores disengões e dissabores do tempo, tudo á sonancia do dinheiro, que para o jogo nunca falta.

E' contra essa miseria que vamos levantar a nossa fraca vóz, para honra e em pród da nossa propria dignidade.

O esquecimento

A' Raul R. de Carvalho

O esquecimento é a alvo-rada d'um sorriso, irrom-

pendo das trevas profundas que obumbram os nossos passos, das negridões da dôr e... da saudade.

Elle é que faz brotar de sobre as cinzas d'um coração já morto, as esperanças fagueiras que o acalentam, fazendo-o renascer para um mundo de affeições mais puras.

O esquecimento é a mais doce das realidades que a vida encerra.

E o que fóra da humanidade, sem esse balsamo que o Todo-Poderoso dispensa aos corações que choram !

Oh ! seria horrivel, lancinante, ter sempre sobre os labios, o fél, as fézes d'um calice que transbordou de agruras ! ter sempre ante os olhos, o espectro horrifico das desillusões soffridas, a lembrança amarga de infaustos dias, vividos entre o

estertor de lentas agonias, sob um céu mais negro do que os negros desenganos !
Campinas, 1901.

VICENTE MELILLO.

A ESMO...

Sim, senhor ! E' mesmo a esmo que hoje aqui me apresento a redigir esta secção...

Mas franquezinha, esta vida de jornalista tem que se lhe diga, mórmente nesta terra onde ha mais jornalistas do que jornaes ; emfim, isso pouco importa, v. u. assim a esmo e de barriga, entrando na lista dos TAES.

Iniciando esta secção de notas e factos e cousas, etc., e tal e o diabo a quatro, vejo-me logo na estreá, sem assumpto, sem um unico acontecimento que mereça a honra de duas linhas em letras redondas e o dispendio de alguns centigrammos de phosphoro da minha pujante mentalidade.

Podia, como tantos outros, enveredar pelo trilho tortuoso da politica, e, ARRUMANDO os pés pelas mãos, metter-me a criticar desafortadamente o Sr. Fulano, ou a ENGROSSAR ainda mais descaradamente o Sr. Sicrano; mas em taes assados não me quero ver, porque o resultado seria, mais cedo ou mais tarde empastellarem-me a grande typographia dos queixos, ou, quando mais não fosse, fazerem-me, com relação ao alto posto (14 metros) que occupo de critico e historiador contemporaneo de factos locaes, o que aca-

baram de fazer em Iguape á Camara Municipal, o que me seria soberanamente desagradavel.

Mesmo não mettendo-me na politica, da qual entendo tanto como do latim do Manduca, podia agora tratar da religião, porém acho esse terreno um tanto ESCORREGADICO e... perigoso, pois sou um verdadeiro LIVRE-PENSADOR e si aqui exprimisse a minha crença e fizesse competente apreciação, estaria em RISCO de tomar uma sóva de... rosario, portanto, quem tem... amor tem medo; não AVANÇO NESTA ROXURA.

E por fallar em religião, lembrei-me da festa do Divino: que divino assumpto! Infelizmente nada posso dizer sobre ella, pois que, seria preciso fallar dos CAIAPÓS e como sou muito bom jundiahense não quero desacreditar minha terra. Como sabem os leitores, o SENTIDO não é o jornal de maior circulação na America, mas sim no mundo, e eu não quero que o mundo saiba que Jundiahy está tão adiantado a ponto de admittir que bandos de CAIAPÓS percorram suas ruas dando o mais frisante exemplo de CIVILISAÇÃO.

Vejo-me tão embaraçado com a abundancia de assumpto que estou a deitar o ponto e mandar os leitores CHORAR PITANGA e na cama que é lugar quente.

ZÉ NINGUEM,
Critico-mimico.

Errata á botanica

Certains plantes, telles que les fougères, les mousses, les algues, les champignons, etc., n'ont pas de fleurs distinctes. Langlebert.— Histoire Naturelle, pag. 395.

Andavam por ahi muitos autores
Com ares de quem sabe o que assegura
Affirmando que o musgo não dá flôres,
E jurando isso ser verdade pura.

Agora vão ter grandes dissabores,
Pois sei de fonte certa e bem segura
Que, apesar do que dizem taes doutores,
Vae ter um desmentido essa loucura.

O musgo que nos altos montes cresce
Em mimosas corollas já floresce,
Exhalando perfumes delicados.

Um facto destes dá-me até vontade
De sahir a gritar pela cidade:
—Os botanicos são loucos chapados!—

30.—9.—1901.

L. PALMAR.

Quebra-cabeças

As decifrações das charadas publicadas ultimamente são: Despesa, Martyrio, Magistrado, Solicitador, Aureliano, Avelino, Severo, Palácio, Sermão e Balão.

Silgo e K 7 enviaram-nos todas as decifrações.

Para hoje temos as seguintes charadas

A' SYLGO

Um desenhista
Que só desenha—1
Mas não s'empenha
Com perfeição—2
Não póde hobrear-se
C'o charadista
Que come alpiste
Com perfeição—2

No Haiti o pobre é homem
feito de barro—1—1—1.

Se és homem offenda a
pedra—1—2.

A nota é astro que está no
mar—1—2.

A fructa é cerimonia reli-
giosa que se come—2—2.

A vogal é rio mas o ho-
mem é Deus mithologico—1
—1—1.

Entra o animal no tufão
2—1.

TEIMOSO.

E' madeira e relação do
Estado—1—2.

O' homem! não engrossa
esta mulher—2—2.

O adverbio, a variação e a
contração é casa de recreio
1—1—1.

No suspiro desta mulher
está outra mulher—1—2.

A culpada torna deste
motim—1—2.

E' nota no navio e morro
na Bahia—1—2,

Qual é a ave que no Rio
Grande é lago?—2.

Sabeis Oceano o teu li-
mite—1—1.

K. D. T.

O nosso anniversario

A alguns dos nossos colegas do interior, bem como ao local O JUNDIAHYENSE, agradecemos as palavras de congratulações que nos dirigiram por aquelle acontecimento e julgamo-nos lisonjeados com essa prova de consideração que veio confortar-nos e nos instigar a continuar na senda e pinheisa, porém, proveitosa do jernalismo.

De facto a ella dedicare, mos o tempo que nos sobrar certos de que, só proveito d'ahi poderemos auferir, sem ontro fito que não o de aprender e sermos util ao meio em que vivemos.

Quanto a sacrificios, quem não os tem neste valle de lagrimas?

Para superral-os resta-nos a nossa grande força de vontade.

Gremio Litterario

Cogita-se de fundar annexo ao Club 2 de Abril, um gremio litterario intitulado «José Bonifacio», devendo para tal fim reunir-se hoje, ás 8 horas da noite os seus fundadores.